

4468

João Malato

## Subversão indígena

Concordo em gênero, número e grau, com o bem lançado artigo de Joaquim Borges Gomes, em O LIBERAL de segunda-feira, em que comenta e condena a excessiva desenvoltura que os chamados indígenas vêm assumindo neste país, ao ponto de desafiar as autoridades da União, com ameaças de comê-las vivas, além de outras práticas de pura subversão, como a interrupção violenta de rodovias nacionais, confisco de balsas e o segregamento, em recinto fechado, de funcionários da Funai, mantidos como reféns, para forçar o atendimento das suas absurdas pretensões, - como há mais de uma semana se vem verificando nas margens do Xingu, onde os índios Txucarramãe, cuja tribo não ultrapassa o número de mil indivíduos, estão reivindicando, pela força, a propriedade de uma enorme área de terras, na extensão de 60 quilômetros de comprimento por 15 quilômetros de largura.

Ainda não faz um ano que um grupelho de índios xavantes tomou de assalto o edifício em que funciona a presidência da Funai, em plena Capital Federal, e dele expulsou os respectivos diretores e funcionários da Fundação, só escapando ao vexame o presidente do órgão, que se achava ausente de Brasília, em viagem pelo

Nordeste. A façanha foi culminada pela ocupação das salas de serviço da Funai, com os silvícolas ocupando as mesas de trabalho dos respectivos diretores.

A moleza e a pusilanimidade, que são hoje a característica do poder público no Brasil, não só permitiram que o ultraje ficasse sem a necessária punição, como apressaram-se a obedecer às exigências dos invasores, uma das quais era a destituição do presidente da instituição, o qual foi sumariamente demitido, para, em seu lugar, ser nomeado o sr. Otávio Ferreira Lima, que parecia afinar com as pretensões dos índios. Pois é esse mesmo titular que tem agora a cabeça a prêmio, pelos silvícolas da tribo Txucarramãe, que pretendem, nada mais nada menos, do que a expulsão de inúmeros fazendeiros que há muitos anos estão localizados na área, e que eles pretendem seja demarcada em seu nome. E como a Funai não encontra razões de direito para submeter-se à truculenta imposição, aquele milhar de nativos (que mal dariam para completar a lotação do nosso Cinema Olímpia), levanta-se em pé de guerra, interrompe uma grande rodovia federal que corta o pretendido latifúndio, apossa-se da barcaça que faz a travessia do Xingu, detêm como reféns vários

funcionários federais na área e, como derradeira insolência, exige a presença, in-loco, do presidente da Funai, não escondendo os seus intentos, já confessados na Televisão, de assá-lo a fogo lento, nas fogueiras da barbárie.

A melhor prova do espírito de subversão de que esses índios se acham possuídos, é a denúncia, ontem divulgada por este e outros jornais brasileiros, de que, dias antes do início das hostilidades, o cacique Raoni efetuou a compra de Cr\$ 9,8 milhões em armamentos, munições e grande quantidade de víveres, o que não deixou de surpreender o comércio e o povo de São José do Xingu. A ser verdadeira essa asserção, cabe às autoridades investigarem sobre a origem desse dinheiro, já que se suspeita da existência de agitadores profissionais por trás da agitação indígena, que têm, nos padres comunistas do SIMI e das Comunidades Eclesiais de Base, os seus verdadeiros orientadores, inclusive nas cartas e boletins que chegam às mãos das autoridades.

É preciso frisar, em apoio dessas suspeitas, que os mil índios Txucarramães já são detentores de 3.400.000 hectares de terras improdutivas e que eles não sabem como trabalhar, a não ser numa meia centena de hectares, em que

praticam uma lavoura de subsistência, constante de mandioca, milho e feijão.

Afinal, o dinheirama que o governo encaminha para esses grupelhos de silvícolas (nas matas de Tucuruí existe uma tribo insolentíssima, que não conta mais de 39 indivíduos), não corresponde às ridículas inversões destinadas ao saneamento das baixadas e favelas onde vivem milhões de necessitados chamados civilizados e que não dispõem de um palmo sequer de terra, para implantar o seu barraco.

Ainda há poucos meses, o Brasil assistiu o seu governo desalojar e expropriar dezenas de fazendeiros e produtores que há 300 anos viviam na região de Porto Seguro, na Bahia, desde o período da pré-colonização, - para doá-las aos remanescentes dos índios "Pataxós", todos plenamente aculturados e disseminados pelo território nacional, não merecendo mais o nome de índios, quanto mais de proprietários de uma gleba hoje próspera e desenvolvida, e de que eles já não tinham lembrança.

Mas a demagogia e o espírito de agitação não dormem, quando os fins visados são a confusão e a desorganização social e econômica de uma Pátria digna de melhor sorte.

CEEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

*O Liberal*

Class.:

Data:

*04.04.84*

Pg.: